

Acordos para reduzir metano e desmatamento

Pactos firmados por mais de 100 países, incluindo o Brasil, não fazem parte da agenda oficial da COP26, mas podem impulsionar as negociações, que ocorrerão na próxima semana. Especialistas criticam as medidas

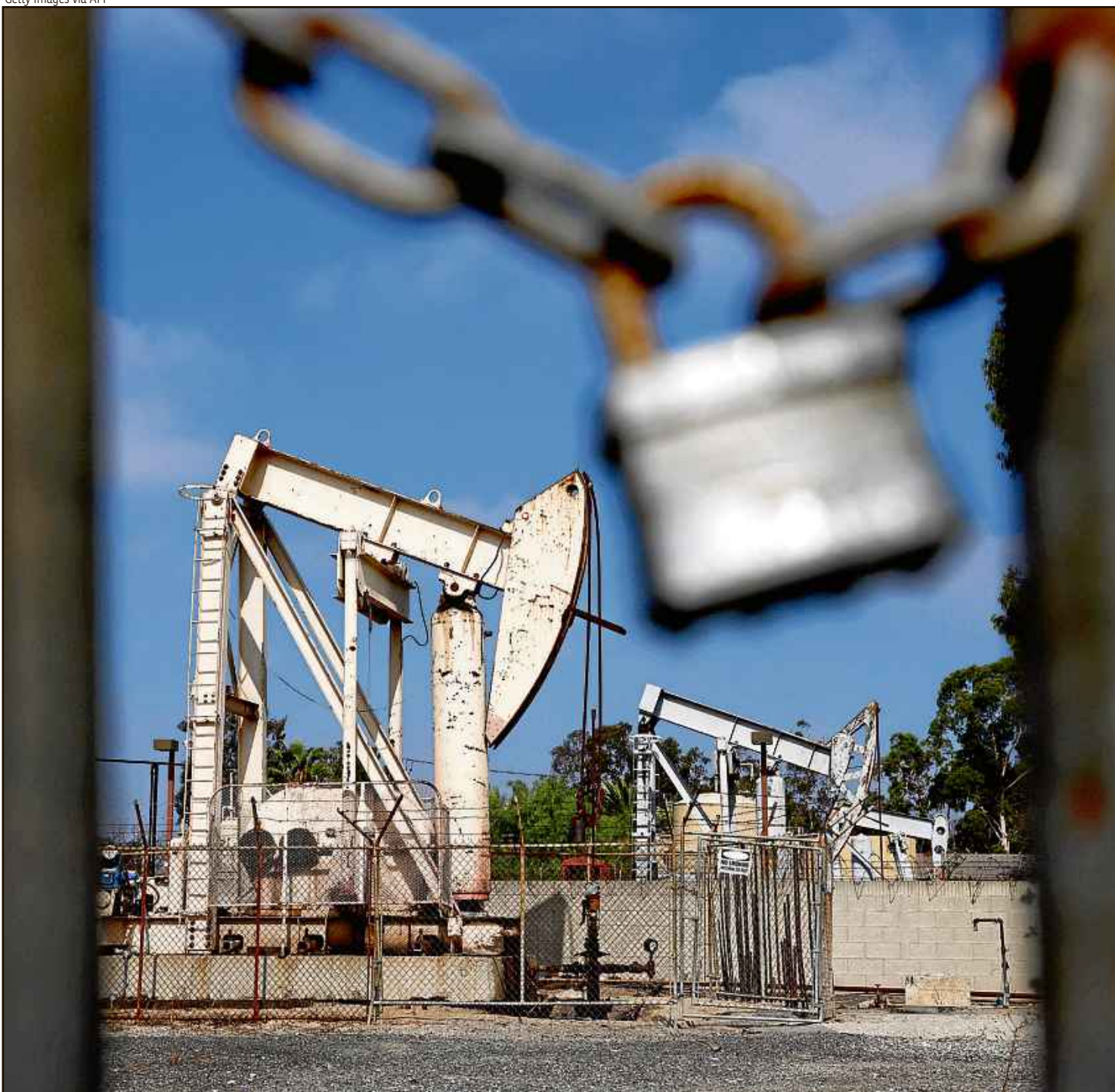
Dois pactos firmados por mais de 100 países buscam impulsionar as negociações em torno de temas delicados da conferência do clima, em Glasgow. Ontem, os governos, incluindo o brasileiro, se comprometeram a, até 2030, reduzir em 30% as emissões de metano, um dos gases mais poluentes, e acabar com o desmatamento. Ambos os acordos não estão legalmente vinculados nem fazem parte da agenda oficial da COP26, são criticados por especialistas ambientais, mas considerados pequenos avanços diante da expectativa de que a cúpula termine sem progressos significativos.

A própria adesão ao pacto de redução da emissão do metano é um dos sinais de alerta. Em setembro, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, pediu que líderes mundiais se unissem ao seu país e à União Europeia no propósito de reduzir o lançamento do gás responsável por cerca de 25% do aquecimento global desde a revolução industrial, segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). À época, 31 países anunciaram a intenção de participar do Compromisso Global do Metano. Pressões por parte dos idealizadores da medida antes da conferência do clima — o governo brasileiro foi um dos alvos (leia mais na página 7) — levaram ao aumento da adesão.

Ainda assim, os adeptos representam pouco mais de 40% das emissões mundiais de metano. “O anúncio não alcança a redução de 45% que, segundo a ONU, é necessária para manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C”, lamentou Murray Worthy, responsável pela ONG Global Witness. O encontro foi marcado pelas ausências da China, da Índia e da Rússia — três dos cinco maiores emissores do planeta. Os russos são expressivos na extração de metano, com uma porcentagem alta de vazamentos em gasodutos de distribuição para a Europa, segundo especialistas.

Esse gás tem um efeito estufa 80 vezes mais potente que o dióxido de carbono (CO₂). De acordo com a Agência Internacional de Energia (IEA), 40% das emissões globais de metano vêm de fontes naturais, principalmente dos pântanos. Os 60% restantes

Getty Images via AFP



Bomba de óleo inativada no EUA: país encabeça proposta de diminuir emissão de gás responsável por 25% do aquecimento global

estão ligados a atividades humanas, como a pecuária (o gás é produzido durante o processo de digestão dos ruminantes) e as indústrias de petróleo, gás e carvão. A expectativa é de que, se as emissões forem reduzidas em 30% nesta década, será possível limitar o aquecimento em pelo menos 0,2°C até meados do século.

Grande produtor global de carne, a Argentina juntou-se à promessa, enfatizando “o princípio de responsabilidades comuns, mas diferenciadas” entre

países desenvolvidos e em desenvolvimento. “A contribuição da nossa agroindústria para a segurança alimentar mundial não deve ser excluída das negociações climáticas para não gerar novas formas de protecionismo”, disse o presidente Alberto Fernández. Ele também defendeu que parte da dívida externa de seu país seja vinculada “aos investimentos imprescindíveis em infraestrutura verde de que a Argentina precisa”. Proposta semelhante foi apresentada, no dia anterior, pelo colega do

Equador, Guillermo Lasso. Ontem, o país assinou com Colômbia, Costa Rica e Panamá o acordo que amplia a área da reserva marinha em quase a metade do seu tamanho atual.

Florestas

Na aliança contra o desmatamento, países que representam 85% das florestas do mundo — entre eles, Brasil, China, Rússia, Indonésia e República Democrática do Congo — se comprometeram a deter e reverter

o desmatamento e a degradação do solo. As medidas devem apoiar atividades em nações em desenvolvimento, como a restauração de terras degradadas, o combate a incêndios florestais e a defesa dos direitos das comunidades indígenas, e serão apoiadas por um fundo de US\$ 12 bilhões de dinheiro público contribuído por 12 países entre 2021 e 2025, além de US\$ 7,2 bilhões de investimento privado por mais de 30 instituições financeiras globais.

Para grupos ambientalistas,

O anúncio não alcança a redução de 45% (de emissão de metano) que, segundo a ONU, é necessária para manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C”

Murray Worthy, responsável pela ONG Global Witness

(É uma) luz verde para mais uma década de destruição florestal”

Greenpeace, em nota

estabelecer o fim do desmatamento em 2030 é “tarde demais”. O Greenpeace chamou o pacto de “luz verde para mais uma década de destruição florestal”. Segundo a ONG Global Forest Watch, somente em 2020, mesmo com a desaceleração econômica em função da pandemia da covid-19, a destruição de florestas primárias aumentou 12% em relação ao ano anterior. O Brasil, berço da maior floresta tropical do planeta, teve 9,5% de aumento nas emissões de gases de efeito estufa.

Cancelada no ano passado devido à crise sanitária, a COP26 tem a missão de desenvolver o Acordo de Paris de 2015, que tem como principal objetivo limitar o aquecimento global a mais 1,5°C. No entanto, as negociações são anunciadas complicadas. “Ainda resta um longo caminho a percorrer”, alertou o primeiro-ministro britânico e anfitrião da conferência, Boris Johnson, declarando-se “prudentemente otimista” quanto à próxima etapa da conferência, quando os líderes começam a abandonar Glasgow e passam o bastão para os negociadores.

COVID-19

Parte imutável do coronavírus pode ser alvo de novas vacinas

As vacinas atuais da covid-19 têm como foco a proteína spike, estrutura do coronavírus que o ajuda a infectar as células humanas. Há, porém, um temor de que, com o surgimento de novas variantes, o Sars-CoV-2 desenvolva outro mecanismo de contaminação, o que comprometeria a eficácia dos imunizantes disponíveis. Cientistas do Garvan Institute of Medical Research, na Austrália, podem ter identificado um caminho para o desenvolvimento da geração de vacinas imunes às cepas virais em evolução. Trata-se de uma região do patógeno com menor probabilidade de sofrer mutações: o epítipo de classe 4.

Em testes com ratos, o grupo identificou que anticorpos gerados por cobaias imunizadas, além de se ligarem ao epítipo de classe 4, podem bloquear sua

entrada nas células. “A pesquisa em vacinas de próxima geração com maior resistência a variantes futuras está garantida. Nosso trabalho fornece um guia para o desenvolvimento desses imunizantes”, garante, em comunicado, Daniel Christ, diretor do Centro de Terapia Direcionada da universidade e coautor do artigo que detalha a descoberta, publicado na última edição da revista *Immunity*.

Primeira autora do artigo, Deborah Burnett relata que a nova estratégia tem como base a imunização com proteínas de superfície de vírus semelhantes ao novo coronavírus, como o Sars-CoV-1. O patógeno



responsável pela epidemia original de Sars em 2003 gerou anticorpos que atendiam aos critérios definidos pela equipe australiana. Em testes com ratos, após a imunização com proteína do Sars-CoV-1, 80% dos anticorpos se ligaram ao epítipo classe 4. “Em contraste, quando usamos a proteína Sars-CoV-2, os camundongos geraram anticorpos que visaram regiões da proteína spike que são propensas a mutações”, compara a cientista.

Mais testes

Ao investigar mais a fundo a reação imune gerada no

primeiro grupo de cobaias, a equipe identificou, em testes de laboratório, um subconjunto raro de anticorpos capazes de neutralizar o vírus. “Eles se ligaram à mesma seção do epítipo de classe 4 e orientaram o resto do anticorpo para bloquear fisicamente o acesso ao ACE2, o receptor nas células humanas em que o vírus precisa se acoplar antes de poder infectar”, explica Daniel Christ.

A próxima etapa do estudo é testar a nova geração de vacinas em modelos pré-clínicos, ainda com animais. “Agora, sabemos o que procurar em uma resposta de anticorpos. Nosso objetivo para essa pesquisa é ajudar a desenvolver uma vacina que não precisaria de atualização e poderia levar a um melhor controle da covid-19”, afirma Chris Goodnow, coautor do estudo.

ALAIN JOCARD



Fórmulas atuais focam proteína que tem risco de sofrer mutações